

Inteligência Multifocal

AUGUSTO CURY

Inteligência Multifocal

Pergaminho

CAPÍTULO 1

A Minha Trajetória de Investigação: Princípios da Formação de Pensadores

O HOMEM MODERNO E A CRISE DA INTERIORIZAÇÃO

Uma das mais importantes explorações do Homem, senão a maior de todas elas, é a exploração de si mesmo, do seu próprio mundo intrapsíquico. Aprender a interiorizar; a criar raízes mais profundas dentro de si mesmo; a explorar a história intrapsíquica arquivada na memória; a questionar os paradigmas socioculturais; a trabalhar com maturidade as dores, perdas e frustrações psicossociais; aprender a desenvolver a consciência crítica, a conhecer os processos básicos que constroem os pensamentos e que constituem a consciência existencial são direitos fundamentais do Homem. Porém, frequentemente, esses direitos são exercidos com superficialidade na trajetória da vida humana. Um dos principais motivos do aborto desses direitos é que o homem moderno tem vivido uma dramática crise de interiorização.

O ser humano, sendo um ser pensante complexo, é um explorador exímio. Ele explora, ainda que sem consciência exploratória, inclusive o meio ambiente intrauterino, através dos malabarismos fetais e da deglutição do líquido amniótico. E, ao nascer, e em toda a sua trajetória existencial, explora o mundo que o envolve, o rico manancial de estímulos sensoriais que ele interpreta.

Pelo facto de experimentar, desde a sua mais tenra história existencial, os estímulos sensoriais que esquadriham a arquitetura do mundo extrapsíquico, o Homem tem a tendência natural de desenvolver uma trajetória exploratória exteriorizante. Nesta trajetória, ele torna-se cada vez mais íntimo do mundo em que vive, o extrapsíquico, mas, ao mesmo tempo, torna-se um estranho para si mesmo.

O homem moderno, em detrimento dos avanços da ciência e da tecnologia, vive a mais angustiante e paradoxal de todas as solidões psicossociais, expressa pelo abandono de si mesmo na trajetória existencial. A pior solidão é aquela em que nós mesmos nos abandonamos, e não aquela em que nos sentimos abandonados pelo mundo. É possível abandonarmo-nos na trajetória existencial? Veremos que sim. Quando o

ser humano não se repensa, não se questiona, não se recicla, não se reorganiza, ele abandona-se a si mesmo, pois não interioriza, ainda que tenha cultura e realize múltiplas atividades sociais.

Os livros de autoajuda, embora não possuam uma grande profundidade intelectual, são procurados com desespero nas sociedades atuais, como tentativa de superar, ainda que ineficazmente, a grave crise de interiorização que satura as pessoas. O homem que não interioriza é algoz de si mesmo, sofre de uma solidão intransponível e incurável, ainda que viva no seio de multidões.

«O homem que não interioriza dança a valsa da vida engessado intelectualmente.» A sua flexibilidade intelectual fica profundamente reduzida por tentar solucionar os seus conflitos psicossociais, e superar as suas contrariedades, frustrações e perdas.

É mais fácil explorar os fenómenos do mundo que nos envolve do que aprender a interiorizar, a ser caminhantes na trajetória do nosso próprio ser e a explorar os fenómenos contidos no nosso mundo intrapsíquico. É mais fácil e confortável explorar os estímulos extrapsíquicos, que sensibilizam o nosso sistema sensorial, do que explorar os sofisticados processos de construção dos pensamentos, o nascimento e desenvolvimento das ideias, a organização da consciência existencial, as causas psicodinâmicas e histórico-existenciais das nossas misérias, fragilidades, contradições emocionais, etc.

Mergulhado num processo socioeducacional que se ancora na transmissibilidade e no construtivismo do conhecimento exteriorizante, o Homem converte-se num profissional que aprende a usar, com determinados níveis de eficiência, o conhecimento como ferramenta ou instrumento de trabalho. Porém, tem grandes dificuldades em usar o conhecimento para desenvolver a inteligência: aprender a percorrer as avenidas da sua própria mente, a conhecer os limites e alcance básicos da construção de pensamentos, a regular o seu processo de interpretação através da democracia das ideias e a tornar-se um pensador humanista que trabalha com dignidade os seus erros, as suas dores, perdas e frustrações, e que aprende a colocar-se no lugar do «outro» e a perceber as suas dores e necessidades psicossociais.

A SÍNDROME DA EXTERIORIZAÇÃO EXISTENCIAL

Infelizmente, como veremos mais adiante, a tendência intelectual natural do *Homo sapiens*, desde a aurora da vida fetal até ao seu último sus-

piro existencial, é seguir uma trajetória de construção intelectual superficial. Uma trajetória socioeducacional em que ele pouco interioriza, pouco procura por si mesmo e pouco se conhece a si mesmo.

Procurar-se a si mesmo significa explorar e produzir conhecimento sobre os processos de construção da inteligência, ou seja, sobre os processos de construção dos pensamentos, da sua natureza, das cadeias psicodinâmicas, dos limites, do alcance, da lógica, da praxis, bem como sobre a formação da consciência existencial, da história intrapsíquica arquivada na memória, sobre as bases que sustentam o processo de interpretação e as variáveis que participam no processo de transformação da energia emocional.

Quem sai do discurso intelectual superficial e procura «velejar» dentro de si mesmo, vivendo a aventura ímpar de explorar a sua própria mente, nunca mais será o mesmo, ainda que fique perturbado devido a um emaranhado de dúvidas sobre o seu próprio ser. Aliás, ao contrário do que dizem os livros de autoajuda, a dúvida é o primeiro degrau da sabedoria.

Quem não duvida e não se critica a si mesmo, nunca se posicionará como aprendiz diante da vida e, conseqüentemente, nunca explorará com profundidade o seu próprio mundo intrapsíquico. Quem aprendeu a viver a arte da dúvida e da crítica na sua trajetória existencial, posiciona-se como aprendiz diante da vida e, por isso, tem condições intelectuais de repensar os seus paradigmas socioculturais e expandir continuamente as suas ideias e a sua maturidade psicossocial. Todos os pensadores, filósofos, teóricos e cientistas que, de alguma forma, promoveram a ciência, as artes e as ideias humanistas foram, ainda que minimamente, caminhan-tes nas trajetórias do seu próprio ser e amantes da arte da dúvida e da crítica, enquanto produziam conhecimento sobre os fenômenos que contemplavam.

O ser humano que aprende a interiorizar e a criticar as suas «verdades», os seus dogmas e os seus paradigmas socioculturais estimula a revolução da construção das ideias nos bastidores clandestinos da sua mente. Assim, liberta-se do superficialismo intelectual e, no mínimo, aprende a concluir que os processos de construção da inteligência, de entre os quais se destaca a produção das cadeias psicodinâmicas dos pensamentos e a formação da consciência existencial do «eu», são intrinsecamente mais complexos do que uma explicação psicológica e filosófica meramente especulativa e superficial, que designo por *explicacionismo*, *psicologismo*, *filosofismo*.

O homem moderno tem vivido, com frequência, uma importante síndrome psicossocial doentia, a que chamo «síndrome da exteriorização existencial». O portador da síndrome da exteriorização existencial apre-

senta uma sintomatologia rica, expressa pelo contraste entre o excesso de informação que possui sobre o mundo extrapsíquico em relação ao mundo intrapsíquico, por uma grave crise de interiorização, uma capacidade reduzida para se reciclar e se reorganizar, pouca capacidade para se tornar agente modificador da sua história e trabalhar as angústias existenciais, uma redução no desenvolvimento do humanismo e da cidadania, grandes dificuldades em se colocar no lugar do «outro» e perceber as suas dores e necessidades psicossociais, e em se doar socialmente sem a contrapartida do retorno.

A rica sintomatologia psicossocial desta síndrome assume diversos níveis de gravidade, que dependerão do processo de formação da personalidade de cada pessoa, da qualidade e da quantidade das suas angústias existenciais, do seu relacionamento familiar, do seu processo socioeducacional, do seu ambiente social e das suas condições económicas. Quando estudarmos o processo de interpretação, os fenómenos que leem a memória, a construção das cadeias psicodinâmicas de pensamentos e a formação da consciência existencial, compreenderemos melhor por que razão esta síndrome é histórica e por que motivo o *Homo sapiens* tem uma tendência natural para viver uma trajetória existencial exteriorizante. Apesar de histórica, a síndrome da exteriorização existencial tem assumido proporções epidémicas nas sociedades modernas. Isto deve-se a diversos fatores, de entre os quais se destacam alguns erros contidos na educação clássica.

Quem vive esta síndrome torna-se um indivíduo que passeia pela existência, que transita pela vida sem criar raízes dentro de si mesmo. Por ter grandes dificuldades em expandir a arte de pensar, este indivíduo tem enormes dificuldades em suportar críticas, admitir as suas fragilidades, superar os seus fracassos e frustrações e usá-los para solidificar os alicerces da sabedoria. Tal pessoa não expande o desenvolvimento da inteligência; portanto sabe lidar com o sucesso e com o apoio social, mas não sabe lidar com os invernos existenciais.

O portador da síndrome da exteriorização existencial vive a pior de todas as solidões: a solidão de se ter abandonado a si mesmo na sua trajetória existencial. Aliás, nas sociedades modernas, em detrimento dos encontros sociais, eventos desportivos, indústria do entretenimento e navegações pela *Internet*, a solidão intensifica-se. As pessoas estão próximas fisicamente, mas muito distantes interiormente; conversam sobre o mundo que as circunda, mas não dialogam sobre si mesmas. As sociedades modernas são mudas no que diz respeito à troca de experiências

existenciais. Não é apenas o diálogo interpessoal que está empobrecido, mas também o autodiálogo, aquele através do qual interiorizamos e procuramos os fundamentos das nossas reações, inseguranças, fobias, tensões e angústias.

O ser humano, nos tempos atuais, só tem coragem de falar sobre si mesmo quando consulta um psicólogo ou um psiquiatra. Tem uma necessidade vital de que o mundo grave em torno de si mesmo e doar-se ao outro sem esperar nada em contrapartida é um absurdo existencial, um jargão intelectual, um delírio humanístico. O mundo das ideias dos portadores da síndrome da exteriorização existencial possui pouco espaço para uma compreensão psicossocial e filosófica da existência humana.

Aprender a interiorizar é uma arte complexa e difícil de ser alcançada no terreno da existência. O homem moderno tem sido um ávido consumidor de ideias positivistas, místicas, psicologistas... , como se tal consumo cumprisse, por si mesmo, o papel inalienável e intransferível de caminhar nas trajetórias sinuosas do seu próprio ser e de aprender a expandir a sua consciência crítica e a sua maturidade intelecto-emocional.

PESQUISAR E ESCREVER COMO UM ENGENHEIRO DE IDEIAS

A complexidade da mente, associada às deficiências do discurso literário para esquadrihar os fenômenos e processos envolvidos na construção de pensamentos, na formação da consciência existencial e na transformação da energia psíquica, fizeram-me rever, criticar e reescrever continuamente os textos deste livro. Por isso, passei mais de dezassete anos de intensa dedicação a escrevê-los, bem como aos demais textos que compõem o arcaboiço teórico da minha produção de conhecimento e que ainda não foram publicados, acreditando que para a ciência esses textos não sejam efêmeros, e que criem raízes e sejam úteis em diversas áreas psicossociais.

A maioria das ideias contidas nas frases que escrevi foram, dentro das minhas limitações, cuidadosamente elaboradas para que expressassem com um pouco mais de justiça intelectual alguns fenômenos sofisticados que atuam nos bastidores inconscientes e nos palcos conscientes da inteligência. Por detrás de diversas frases escondem-se mecanismos psicodinâmicos sofisticados. Seria possível escrever um estudo à parte sobre algumas delas, o que escapa aos objetivos deste livro. Além disso, aconteceu inevitavelmente um problema com a fraseologia ou construção das frases; es-

tas tornaram-se frequentemente longas, devido à complexidade das ideias nelas circunscritas, diferente da das frases jornalísticas, que são curtas, de compreensão fácil, porque encerram normalmente assuntos sem muita complexidade. Escrevi este livro não apenas como escritor, mas como engenheiro de ideias... Cada ideia nele contida sofreu uma engenharia dialética.

Por isso, até aquelas que se encontram nos labirintos dos textos, e que, às vezes, passam despercebidas à compreensão, são importantes.

Na construção das ideias, tive de me converter inevitavelmente num «neologista», ou seja, num construtor e empregador de diversas palavras ou expressões novas – não existentes na linguagem científica e coloquial –, tais como psicoadaptação, *Homo interpres*, fenómeno do «autofluxo», ou de palavras antigas com um sentido novo, tais como «autochecagem da memória» e «âncora da memória», pois a linguagem científica e coloquial revelou-se insuficiente para definir, conceituar e discursar teoricamente sobre a construção dos fundamentos da inteligência. Além disso, uso frequentemente o sufixo latino «dade», em termos como *circunstancialidade*, *construtividade*, *evolutividade*, com o objetivo de romper com a condição estática das palavras. Ao usar este sufixo, quero recuperar o conteúdo filosófico da palavra, quero que ela expresse a dimensão, a qualidade e a continuidade de um fenómeno ou de um processo (conjunto de fenómenos). Por exemplo, ao escrever «*construtividade* de pensamentos», quero dizer mais do que uma simples construção de pensamentos, refiro-me à própria essência dessa construção, ou seja, um processo de construção psicodinamicamente ativo, evolutivo, que experimenta o caos para, em seguida, se reorganizar em novas construções. Quando falo em «*circunstancialidades* psicossociais», quero mencionar não apenas algumas circunstâncias particulares, mas a essência e o movimento das circunstâncias psicossociais vividas no processo existencial. Quando comento a «*evolutividade* psicossocial», estou a referir-me a evoluções que ocorrem continuamente no processo de construção do pensamento de cada ser humano e que contribuem para a evolução da cultura. Porém, apesar deste zelo teórico, as deficiências do discurso literário para expressar o processo de construção do pensamento e o universo psicossocial como um todo pertencente ao Homem ainda são grandes.

As letras deveriam servir as ideias e não as ideias as letras e as regras gramaticais, como acontece diversas vezes. As letras e a gramática deveriam libertar o pensamento; ser um canal de veiculação das ideias. Porém, nem sempre as frases e os textos mais compreensíveis são mais justos para expressar as ideias de um autor, embora facilitem a vida do leitor. As letras

reduzem inevitavelmente as ideias; os labirintos gramaticais, às vezes, aprisionam os pensamentos. A linguagem tem um grande débito relativamente ao pensamento, principalmente no que respeita ao pensamento psicológico e filosófico.

Para termos uma ideia da deficiência do discurso literário para expressar a ciência, basta dizer que os pontos finais das frases, embora sejam úteis para a compreensão da linguagem, são uma mentira científica. Na ciência não há pontos finais. É tudo uma sequência interminável de eventos que mutuamente cointerferem. Por conseguinte, não há respostas completas em ciência e, muito menos, há respostas completas na aplicação dos pensamentos que procuram examinar as suas próprias origens, os seus próprios processos de construção, os seus limites, o seu alcance, a sua praxis, enfim, compreender a própria fonte que os gera. Na ciência, cada resposta representa o começo de novas perguntas...

O pensamento, quando é aplicado para discursar sobre o mundo extrapsíquico, facilmente ganha altivez; mas, usado para discursar dialeticamente sobre a própria fonte que o concebe, ele abate. Quando o pensamento é utilizado para esquadriñar o pré-pensamento e os processos de construção que se envolvem na sua própria construção, este fica perturbado perante as suas limitações.

A psique (a alma) é constituída por um complexo campo de energia psíquica. Nela ocorrem todos os processos que constroem as cadeias de pensamentos, transformam a energia psíquica e escrevem os segredos da memória. Investigar os fenómenos que estão na base da inteligência é uma grande empreitada a que todos os que pensam não se devem furtar.

A MINHA TRAJETÓRIA DE INVESTIGAÇÃO

O ser humano vive um dramático paradoxo exploratório. Ele pensa, explora e conhece cada vez melhor o mundo que o rodeia, mas pensa muito pouco sobre o seu próprio ser, sobre a riquíssima construção de pensamentos que explode num espetáculo indescritível a cada momento da existência. O homem moderno, com as devidas exceções, perdeu o apreço pelo mundo das ideias.

Apesar de ter escrito este livro sobretudo para os investigadores, profissionais e estudantes de Psicologia, de Psiquiatria, de Filosofia, de Educação e das demais áreas cuja ferramenta essencial seja o trabalho intelectual, eu gostaria que ele também atingisse o leitor que não se considera um

intelectual nestas áreas. O direito de pensar livremente e com consciência crítica é um direito fundamental de todos os seres humanos, e este livro tem como objetivo contribuir para esse direito.

Aprender a apreciar o mundo das ideias, percorrendo as avenidas da arte da dúvida e da crítica, estimula o processo de interiorização, expande a inteligência e contribui para a prevenção da síndrome da exteriorização existencial e das doenças psíquicas.

Nestes textos, comentarei alguns elementos psicossociais que contribuíram para promover a minha trajetória de investigação. Estes dados são muito sintéticos e não visam ser uma autobiografia. O meu objetivo é fornecer algumas informações para evidenciar algumas causas psicossociais que me levaram, desde a minha época de estudante de Medicina, a apaixonar-me pelo mundo das ideias e, simultaneamente, a criticar diversas convenções existentes na Psicologia e na Psiquiatria, e a revelar a crise de formação de pensadores.

Este texto pretende também dar um «rostro histórico» à minha produção de conhecimento, pois creio que o processo de produção de conhecimento é tão ou mais importante do que o próprio conhecimento produzido. Um dos maiores erros da educação clássica, que bloqueia a formação de pensadores, foi e tem sido o de transmitir o conhecimento pronto, acabado, sem evidenciar o seu processo de produção, o seu rosto histórico.

No VII Congresso Internacional de Educação* ministrei uma conferência sobre «*O funcionamento da mente e a formação de pensadores no terceiro milénio*». Na ocasião, comentei que no mundo atual, apesar de termos multiplicado, como nunca na História, as informações, não multiplicámos a formação dos homens que pensam. Estamos na era da informação e da informatização, mas as funções mais importantes da inteligência ainda não estão a ser desenvolvidas.

Ao que tudo indica, o homem do século XXI será menos criativo do que o homem do século XX. Há um clima no ar que denuncia que os homens do futuro serão mais cultos, mas, ao mesmo tempo, mais frágeis emocionalmente, terão mais informação, contudo serão menos íntimos da sabedoria.

A cultura académica não os libertará do cárcere intelectual. Será um homem com mais capacidade de respostas lógicas, mas com menos capa-

* Realizado no Anhembi, São Paulo, em maio de 2000.

cidade de dar respostas à vida, com menos capacidade de superar os seus desafios, de lidar com as suas dores e enfrentar as contradições da existência. Infelizmente, será um homem com menos capacidade de proteger a sua emoção durante os focos de tensão e com mais possibilidade de se expor a doenças psíquicas e psicossomáticas. Será um homem livre por fora, mas prisioneiro no território da emoção.

O sistema educacional que se arrasta há séculos, embora possua professores com elevada dignidade, apresenta teorias que não compreendem nem o funcionamento multifocal da mente humana nem o processo de construção dos pensamentos. Por isso, enfileira os alunos nas salas de aula e transforma-os em espectadores passivos do conhecimento e não em agentes do processo educacional.

Nos primeiros dois capítulos, fornecerei alguns princípios psicológicos e filosóficos relevantes para o desenvolvimento da arte de pensar. Posteriormente, do capítulo terceiro ao nono, entrarei no cerne da teoria da construção da inteligência. A partir do décimo capítulo retomo o processo de formação de pensadores e aplico alguns elementos da teoria a este processo.

ALGUMAS CONVENÇÕES: A MENTE HUMANA, A INTELIGÊNCIA E A PERSONALIDADE

Usarei o termo «mente» para designar o ambiente onde se processam as faculdades intelectuais, onde se desenvolve a inteligência. A mente humana possui, nestes textos, alguns termos equivalentes: a psique, a alma ou o campo de energia psíquica.

A inteligência é um conjunto de estruturas psicodinâmicas derivadas do amplo funcionamento da mente. É a capacidade de pensar, de se emocionar, de ter consciência. É constituída por quatro grandes processos: a construção de pensamentos, a transformação da energia emocional, a formação da consciência existencial (quem sou, como estou, onde estou) e a formação da história existencial arquivada na memória.

Este livro trata muito mais da construção da inteligência do que das suas funções. Todos os seres humanos constroem uma inteligência, mas nem todos desenvolvem qualitativamente as funções mais importantes, tais como pensar antes de reagir, expor e não impor ideias, gerir os pensamentos, recuperar a liderança do «eu» nos focos de tensão e filtrar estímulos stressantes. A inteligência e a personalidade representam, aqui,

termos equivalentes. Todos os dias estes processos de construção da inteligência estão em atividade. Portanto, a inteligência ou a personalidade não pára de evoluir, embora o seu ritmo de evolução possa diminuir na vida adulta.

Quando as pessoas dizem que alguém é pouco ou muito inteligente, ou que possui uma boa ou má característica de personalidade, estão na realidade apenas a referir-se à manifestação exterior das funções da inteligência ou da personalidade, e não à sua construção. Estas pessoas não têm consciência dos fenómenos surpreendentes e dos processos que produzem o Homem como ser inteligente.

Outra convenção importante está relacionada com o «eu». Aqui, o «eu» ou o «*self*» não é uma designação vaga em termos conceituais. Este refere-se à «consciência de si mesmo», à consciência de que existimos e de que possuímos uma «identidade» única e exclusiva, a consciência de que pensamos e de que podemos administrar os pensamentos e as emoções. O adequado seria chamarmos ao «eu» a «consciência do eu», ou «a vontade consciente do eu», porque este está relacionado com os amplos aspectos da consciência e da vontade humanas, mas por questões literárias chamar-lhe-ei apenas «eu».

O grande desafio do «eu» é gerir os processos de construção da inteligência, expandindo as suas funções mais importantes. Contudo, estudaremos que o Homem tem um grande problema universal. Ele tem facilidade em ser líder no mundo que o cerca, mas possui uma enorme dificuldade em ser líder no mundo psíquico, em controlar o funcionamento da sua própria mente.

A SEDE DE CONHECIMENTO – RESPIRAR A INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

Qualquer cientista que não seja estéril é um aventureiro nas trajetórias do desconhecido, um aprendiz contumaz no processo existencial, um rebelde das convenções do conhecimento.

Na minha trajetória de investigação, o fascínio pela exploração dos processos de construção da inteligência e a opção por produzir uma teoria totalmente original estimularam-me a desenvolver e a utilizar procedimentos de pesquisa que expandiram o meu processo de observação, interpretação e produção de conhecimento.

Os procedimentos que usei na investigação, tais como a «tríade de arte da pesquisa» (arte da pergunta, arte da dúvida e arte da crítica) e a análise

multifocal das variáveis que participam na construção dos pensamentos, fizeram com que o meu processo de observação, seleção e interpretação dos dados não fosse unidirecional, visando um tipo específico de comportamento produzido por um tipo específico de pessoa, proveniente da mesma faixa etária e condições socioeconômicas semelhantes, mas sim multidirecional. Permitiram-me também explorar o máximo possível das variáveis presentes em cada comportamento observado. Procurava descobrir até as variáveis que estavam presentes nas entrelinhas dos pensamentos e no tom e na velocidade da voz das pessoas que me rodeavam.

Devido à abrangência e à complexidade do projeto de investigação sobre os quatro grandes processos de construção da inteligência, todas as pessoas que me eram próximas se tornavam alvos das minhas observações e interpretações, pois eu precisava de dados que abrangessem todas essas dimensões. Mesmo as mínimas reações da minha mente se convertiam num material precioso para observações e interpretações.

Em qualquer ambiente, nos corredores da faculdade de Medicina, nas salas de aula, no leito dos pacientes, nos ambientes sociais, nas ruas e, posteriormente, durante os anos em que exerci Psicoterapia e Psiquiatria, nos cursos que ministrava, etc., eu observava continuamente e com prazer o comportamento das pessoas. Tinha sede de conhecimento, vivia como se respirasse a investigação da personalidade, da inteligência, da mente humana.

Uma revolução intelectual foi provocada no cerne da minha alma. Não podia contê-la. Quando começamos a interiorizar e a rever a nossa maneira de pensar e os nossos paradigmas socioculturais, nunca mais somos os mesmos... Por isso, procurava ser não apenas um profissional que trabalhava com a personalidade, mas também um engenheiro de ideias, um indivíduo que valorizava e construía ideias mesmo a partir dos pequenos e desprezíveis pormenores do comportamento. Percebi paulatinamente que na mente ocorre um conjunto de processos de construção da inteligência, tais como o de construção dos pensamentos, o de formação da consciência existencial, o de formação da história intrapsíquica e também o de transformação da energia emocional e motivacional.

Comecei a desejar produzir não apenas um conhecimento psicológico qualquer, mas uma teoria sobre os processos de construção presentes no campo da energia psíquica, embora esse desejo fosse uma aventura ousada e crítica relativamente às convenções do conhecimento.

Lembro-me de que o desejo de produzir uma teoria original sobre os processos de construção da inteligência me estava a dominar de tal forma que, antes de me casar, há mais de 16 anos, chamei a minha futura mu-

lher, que também era estudante de Medicina, à parte para lhe dizer que se ela se quisesse casar comigo, teria de saber que grande parte do meu tempo seria dedicada à investigação e à escrita. Naquela altura, como estava no início das minhas investigações, não conseguia explicar-lhe o conteúdo das minhas ideias, os meus objetivos e os resultados que poderia alcançar. Nem a mim mesmo eu conseguia dar essas explicações. Parecia que tinha entrado numa sinuosa e estimulante aventura. Só sabia que não conseguia conter a revolução das ideias que se operava dentro de mim. Por isso, quanto mais falava com ela, mais confusa a deixava.

Ela considerava tudo aquilo estranho, pois ia casar-se com um médico e sabia que um médico deveria estudar doenças neurológicas, psiquiátricas, psicossomáticas, etc.; nunca tinha ouvido dizer que um médico pudesse estar interessado em pesquisar os mistérios do funcionamento da mente humana. Não compreendia que o meu objetivo principal não era exercer a Psiquiatria e a Psicoterapia, mas ser um «filósofo da Psicologia», um teórico, um produtor de ciência. Cada vez ela compreendia menos e sentia-se insegura quando eu lhe dizia que queria ser um crítico de diversas convenções do conhecimento na Psicologia, que a minha produção de conhecimento era original e que demoraria muito tempo até que fosse absorvida nos centros de investigação.

Ela pensava que eu estava a viver uma «febre» científica e acreditava que essa febre seria passageira. Por fim, felizmente, ela casou-se comigo. Passados mais de 17 anos, desde a altura em que iniciei a minha trajetória de investigação científica, esta febre ainda não passou; pelo contrário, a temperatura aumentou e envolveu toda a história da minha existência.

Com o passar do tempo, a minha mulher, ao aperceber-se dos procedimentos e dos critérios que eu usava, ouvindo e analisando algumas ideias contidas na minha produção de conhecimento e o sucesso que tinha no tratamento de alguns casos resistentes e complexos na Psiquiatria, converteu-se na minha maior incentivadora. Porém, apesar de ter o seu incentivo, o meu grande problema era dar-lhe resposta sobre a data em que terminaria este livro, pois, devido aos procedimentos que usava no meu processo de observação, análise e produção de conhecimento, tornara-me drasticamente crítico das minhas próprias ideias. Escrevia centenas de páginas, cheguei a escrever milhares, mas não conseguia publicar um único livro, pois criticava e reorganizava continuamente o conhecimento que produzia. Escrevia e reescrevia ininterruptamente os pontos fundamentais da teoria. A respeito disso, lembro-me de um caso interessante.